

Pensando com a imagem

Abrindo as portas ao impensável

Sandra Kretli da Silva¹

Escute o que diz o tempo, my friend, o tempo vai responder...

(Zé Ramalho)

Deleuze (1977) se perguntava, insistentemente, a partir de Spinoza, o que pode um corpo? Assim como Kohan (2007) ao dialogar com Deleuze, questiona a respeito da infância: o que pode uma criança? Os autores afirmam que qualquer pretensão de antecipar resposta para as questões acima mencionadas, pode obstruir a potência das possibilidades. Neste artigo, pretendemos ampliar o debate a respeito dos usos das imagens nos estudos nos/dos/com os cotidianos escolares inspirada nessa provocação iniciada por Deleuze: o que pode uma imagem?

Já faz um bom tempo que venho capturando os “usos” Certeau (1994) que professores e alunos fazem das imagens (fotográficas, cinematográficas) nos cotidianos escolares a fim de problematizar e potencializar as forças que ficam entre esses complexos, multifacetados e inusitados movimentos de invenção da escola.

¹ Doutora em Educação, Professora Substituta do Departamento de Política e Sociedade da



Imagens, movimentos, devir, acontecimentos, intensidades, encontros, desencontros, criação, desconstrução, abertura para novos devires... O que nos interessa nas pesquisas nos/dos/ com os cotidianos escolares é nos agarrar nessas forças e potências que inventam e fabricam o devir-criança, a infância da educação.

Para Kohan (2007), existem duas infâncias. A que se educa conforme um modelo: as políticas públicas, os estatutos, os currículos prescritos, os parâmetros curriculares e, também, a que ocupa outra temporalidade. Essa infância é a que abre a escola ao que ela ainda não é, ao inesperado, ao imprevisto, aos acontecimentos, aos possíveis...

Pensar com imagens é um encontro. Encontro com outros movimentos, com outras ideias, com outros conceitos, com outros sentimentos, com a diferença. Os encontros aumentam as nossas potências de ação, multiplicam os afectos e as afecções.



Mas, o que significa o pensar? “[...] Sabemos que o pensamento é muito mais do que uma imagem. Mas, pretendemos explorar em que medida o renascer de uma imagem pode permitir pensar de outra forma, ser de outra forma, agir de outra forma em educação” (KOHAN, 2007, p. 212). Ao citar Badiou (1996), Kohan destaca que a potência de um pensamento é a capacidade de se manter perto do infinito e, este será mais criativo quanto menor for o seu abrigo, ou seja, os usos das imagens nos cotidianos escolares promovem o desalojar, rompe com os modos de pensar dogmáticos que impedem o plano de imanência fluir.



As *imagensnarrativas* revelam como professores e alunos ao fazerem usos de vídeos, fotografias, desenhos, pinturas vão inventando os *currículos praticados* (OLIVEIRA, 2003) nas escolas. Vale ressaltar, que entendemos que o ato de pensar, conhecer, fazer, sentir e viver se constitui, inseparavelmente, um alimentando o outro, um produzindo o outro. As múltiplas histórias vividas com os praticantes da escola possibilitaram que muitos conhecimentos, (des)conhecimentos, ação, imobilismo, reação, silenciamentos, inconformismos, conflitos, consensos, discensos são entrelaçados por meio de diálogos e intercâmbios de ideias, crenças e significados. Desse modo, nessa dança construtiva, é que encontramos e, também, nos encontramos, junto aos possíveis da escola, nos potencializando e, simultaneamente, ampliando as redes de afetos, afecções, linguagens e conhecimentos que, em um

ciclo constante, produzem outros/novos modos de pensar, ser, estar, inventar e viver nas escolas.

Mas, afinal, como capturamos esses movimentos de invenção e criação de professores e alunos? Como apreendemos quais são e como são os usos que os praticantes ordinários do cotidiano escolar fazem das imagens que circulam nas escolas e que por meio de processos de negociações, táticas e estratégias potencializam a fabricação de afetos e afecções, linguagens, conhecimentos e culturas? Ao participar ativamente das redes de conversações, de afetos, afecções, linguagens e de conhecimentos, fomos ouvindo as explicações, dúvidas, problemas, refletindo sempre em busca de novos possíveis para as escolas.

Referências:

CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano 1: artes de fazer. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1994.

DELEUZE, G.; GATARRI, F. Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia. v.V . São Paulo: Editora 34, 1997.

KOHAN, W. Infância. Entre educação e Filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

OLIVEIRA, I. B. Currículos Praticados: entre a regulação e a emancipação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.